

# Prática de ensino em aulas de português:

*Relato de intervenção para a formação de leitores*

GISELE ARRUDA ECKHARDT

**RESUMO:** Esse trabalho teve como objetivo incentivar a prática de leitura dos alunos, através da contação de histórias. A pesquisa foi realizada mediante a aplicação de atividades interventivas em uma turma de sexto ano do ensino fundamental, localizada na cidade de São Gonçalo, no Rio de Janeiro. As atividades incluíram leitura de contos de fadas, tarefas escritas de compreensão textual, jogos, questionários e produção de contos pelos alunos. Conforme a necessidade da turma, os materiais foram criados e adaptados a fim de possibilitar o engajamento dos alunos. A fundamentação teórica está apoiada na concepção de linguagem sociointeracionista (BAKHTIN, 2011), nos conceitos de leitura de Michèle Petit (2009; 2010), Isabel Solé (1998), Suzana Vargas (2000) e Maria Helena Martins (2012). A metodologia está baseada na pesquisa-ação e também foi usada a sequência didática (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004). Ademais, essa pesquisa buscou resgatar a oralidade, o vínculo afetivo entre professor e alunos e a desconstrução de estereótipos presentes na sociedade, tais como questões de gênero, raça, aparência e felicidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Leitura. Literatura.

**ABSTRACT:** This work had aimed to encourage students' reading practice, through storytelling. The research was carried out through the application of interventional activities in a sixth grade class, located in the city of São Gonçalo, in Rio de Janeiro. The activities included reading fairy tales, written tasks of textual comprehension, games, questionnaires and the production of tales by the students. According to the needs of the class, the materials were created and adapted in order to enable students' engagement. The theoretical foundation is based on the concept of sociointeractionist language (BAKHTIN, 2011), on the concepts of reading by Michèle Petit (2009;2010), Isabel Solé (1998), Suzana Vargas (2000) and Maria Helena Martins (2012). The methodology is based on action research and the didactic sequence was also used (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004). Besides that this research sought to rescue orality, the affective bond between teacher and students and the deconstruction of stereotypes present in society, such as issues of gender, race, appearance and happiness.

**KEYWORDS:** Education. Reading. Literature.

## INTRODUÇÃO

**E**ste artigo é resultante da pesquisa realizada no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS – FFP/UERJ). Por conseguinte, é um recorte que relata uma das oficinas realizadas no processo de intervenção com uma turma de 6º ano de ensino fundamental, na rede estadual de ensino em São Gonçalo. Decorre daí que será utilizado o relato de experiência e, desse modo, gostaria de destacar a forma de discurso escolhida como algo consciente e pessoal. A pesquisa teve como intuito mudar a forma de trabalhar a leitura, a fim de incentivar os educandos a terem apreço pelo ato de ler, visto que observei que grande parte da turma não lia fora do âmbito escolar e os educandos que liam em sala de aula não sentiam prazer. Cumpre ainda acrescentar que a proposta das oficinas teve como base o postulado de Dolz e Schneuwly (2004) das sequências didáticas e, sendo assim, as atividades foram criadas de acordo com uma análise meticolosa das necessidades e avanços da turma.

Nessa tentativa de mudança de perspectiva dos educandos em relação à leitura, a contação de histórias (PETIT, 2009) e, em algumas ocasiões, a tecnologia tiveram papéis fundamentais para o engajamento dos aprendizes diante de uma narrativa. Ademais, questões sociais foram exploradas com o gênero escolhido (contos de fadas), tais como a desconstrução dos papéis masculino e feminino na sociedade, o preconceito, a ausência de personagens negros etc.

Ademais, ancorada nos pressupostos de Michèle Petit (2009, 2010), busquei usar a voz como instrumento de sedução com o intuito de despertar a curiosidade dos discentes para os contos de fadas, levando em consideração que antes da realização das oficinas, os educandos preencheram um questionário acerca de seus hábitos (ou não) de leitura no cotidiano e, com exceção de uma aluna, os demais expuseram que ninguém lhes havia contado uma história durante a infância. Os contos que alguns conheciam eram devidos aos filmes da Disney.

A oficina que será relatada teve a duração

de duas horas e trinta minutos e teve como objetivo fomentar a experiência literária através da leitura do conto e do raciocínio crítico. Como recursos foram utilizados voz, quadro branco, texto, atividade por escrito e imagens.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

**N**essa oficina, iniciei dialogando com a turma e perguntando como eles se sentiam nesse processo de leitura através da contação de histórias. Alguns comentaram que não estavam acostumados a ter alguém narrando para eles e que era interessante; mais fácil de entender. Outros se calaram.

Em seguida, frisei que eles iriam ouvir outra história nessa aula e que, de repente, já a conheciam, porque existiam muitos filmes e desenhos sobre ela. Pontuei ainda que havia uma surpresa para eles após o término do conto e que era necessária muita atenção.

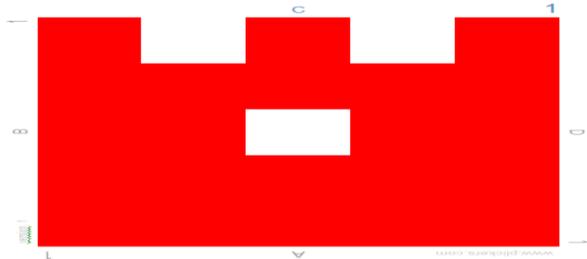
Iniciei a narrativa do conto Cinderela ou O sapatinho de vidro, na versão de Charles Perrault (TATAR, 2013) sem citar o nome da história. Algumas meninas, no decorrer da narrativa, manifestaram-se em alto tom emitindo o nome Cinderela.

Ao término do conto, dessa vez, para ter o elemento surpresa e não ficarem previsíveis as questões de verificação de entendimento e, ao mesmo tempo, estimular outras formas de letramento, considerando a presença da tecnologia, utilizei o Plickers (Figura 1). Trata-se de uma ferramenta disponível tanto em dispositivos móveis, quanto na versão web, que permite a criação de testes com quatro opções de respostas (múltipla escolha).

Em primeiro lugar, é necessário fazer o cadastro no site. Cabe salientar que, embora seja possível a criação de perguntas em nosso idioma, as instruções do site encontram-se em língua inglesa. Após a efetivação do cadastro, é possível criar pastas personalizadas para cada turma. No meu contexto de atuação, produzi uma pasta para a turma 601. Dentro dessa pasta, cadastram-se todos os alunos da classe, porque o sistema irá gerar um número correspondente a cada discente listado.

Em consequência disso, os resultados dos alunos serão computados individualmente, haja vista que cada um irá receber o cartão correspondente ao número produzido pela plataforma, mas também é significativo, porque irá apresentar o resultado da turma de forma global.

Para saber quais respostas serão consideradas pelo aplicativo, é fundamental que o discente vire o cartão na posição em que deseja indicar a sua resposta. Na imagem abaixo, por exemplo, a resposta a ser lida seria a letra c. Toda essa instrução foi dada aos envolvidos na dinâmica antes de mostrar as perguntas no data show.



**Figura 1: Exemplo de cartão recebido pelos alunos para a atividade com o aplicativo Plickers**

Por exemplo, a aluna Alanna recebeu o cartão número um (1), porém o nome não aparece no *card*. Dessa forma, é essencial imprimir a listagem dos alunos e conferir no momento de entrega aos educandos. Essa ocasião requer bastante cuidado para que não haja agitação na turma.

Voltando às perguntas, elaborei cinco questões acerca do conto *Cinderela*, conforme se pode observar a seguir:

**Quadro 1 – Primeira pergunta feita sobre o conto *Cinderela***

1) Qual é o tema da história?
a) Uma moça sonha com sua ida ao baile e conta os detalhes de sua imaginação.
b) Uma moça, após a perda do pai, é muito maltratada pela madrasta e irmãs. Todavia, tem sua vida mudada após a ida ao baile e a perda de seu sapatinho

c) Uma moça deseja se casar e consegue realizar seu desejo após a ida a uma formatura de uma de suas irmãs.
d) Uma moça conquista o coração de um ótimo partido do reino, mas não consegue ter um final feliz por ser pobre.
e) Uma moça sonha com sua ida ao baile e conta os detalhes de sua imaginação.

**Quadro 2 – Segunda pergunta feita sobre o conto *Cinderela***

2) Qual era o apelido de Cinderela?
a) A Gata Encrenqueira.
b) A Gata Sonhadora.
c) A Gata Borracheira.
d) A Gata Borracheira.

**Quadro 3 – Terceira pergunta feita sobre o conto *Cinderela***

3) Qual foi a condição imposta pela madrinha de Cinderela para que ela pudesse ir ao baile?
a) Ela não poderia beijar ninguém.
b) Ela deveria dançar com o príncipe.
c) Antes de meia-noite ela tinha que ir embora do baile, porque o encanto acabaria.
d) Ela deveria omitir sua origem.

**Quadro 4 – Quarta pergunta feita sobre o conto *Cinderela***

4) Qual elemento é responsável pela identificação da verdadeira identidade de Cinderela?
a) O vestido.
b) O sapatinho de vidro.
c) Seu penteado.
d) A carruagem.

*Como meu intuito era retomar a questão dos estereótipos e introduzir a temática da ausência de personagens negros como protagonistas da história, mostrei algumas imagens com a finalidade de estimular a reflexão [...]*

Quadro 5 – Quinta pergunta feita sobre o conto *Cinderela*

5) Podemos perceber na história a mudança da realidade através da intervenção com seres e/ou elementos mágicos. Dentre eles, podemos citar:
a) As irmãs de Cinderela.
b) A beleza de Cinderela.
c) A fada madrinha e sua varinha.
d) O príncipe.

As questões acima apareceram projetadas, uma a uma, e conforme sinalizei anteriormente, expliquei aos meninos antes da entrega dos cartões como iria funcionar a atividade. Eles ficaram bastante entusiasmados com a proposta da tarefa e somente após a entrega de todos os cartões é que exibi a primeira questão.

A leitura das respostas dos alunos foi feita através do aplicativo do *Plickers* no meu telefone móvel. Evidentemente, gostaria de ressaltar que foi um processo demorado, devido à quantidade de alunos (mais de trinta) em sala de aula. Todavia, um aspecto a ser levado em conta foi a motivação dos aprendizes: todos queriam participar e ficaram curiosos ao verem o celular reconhecendo seus nomes, de acordo com os cartões.

Em geral, foi uma experiência bastante satisfatória, porque os discentes apreciaram e acredito que consegui transmitir a ideia de que a leitura pode ser diversificada, não se resumindo a uma forma estática. Compartilho das palavras de Solé (1998, p.63), quando diz que “a riqueza de recursos sempre deve ser bem recebida”.

Voltando à questão da avaliação que a plataforma elabora, em relação às cinco perguntas feitas, este é o resultado global da turma (Gráfico 1):

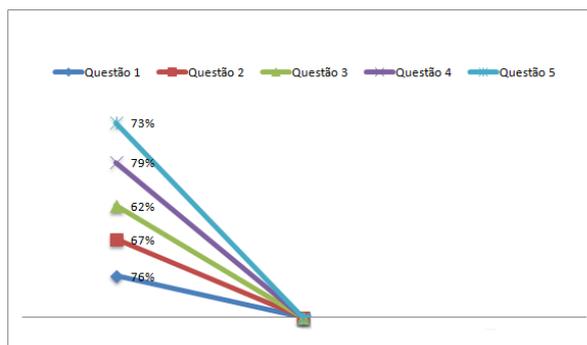


Gráfico 1: Rendimento da turma na tarefa de acordo com o Plickers

Pode-se conceber que o desempenho da turma foi satisfatório. Em virtude disso, julgo que a contação de histórias tem ocasionado resultados favoráveis. Isso, porque de acordo com Solé (1998), a leitura em voz alta faz sentido unicamente quando o leitor não tem acesso ao conteúdo por escrito; caso contrário, perde-se o propósito.

Gostaria de abrir um parêntese para discorrer que não irei expor o resultado individual de cada aluno, devido ao fato de nem todos os responsáveis terem assinado o termo de consentimento, ainda que verbalmente tenham concordado. A plataforma *Plickers* apresenta em *Reports* (relatórios), os nomes dos alunos cadastrados e as respectivas porcentagens.

Após esse primeiro momento de compreensão geral, entreguei aos alunos por escrito o conto *Cinderela* e eles tiveram um período para ler. A fim de diversificar a aula, produzi uma cruzadinha sobre a história, incluindo tanto informações que se encontravam no texto, quanto das inferên-

cias que podiam ser feitas a partir da leitura.

A intenção dessa atividade, aparentemente simples, é trabalhar com o entendimento do texto literário e dos aspectos da linguagem e do gênero textual envolvidos, unindo prazer ao conhecimento (VARGAS, 2000). Ademais, o estabelecimento de objetivos na leitura também é primordial no ato de ler (SOLÉ, 1998; KLEIMAN, 1999). Em síntese, a turma obteve um bom desempenho nessa tarefa.

No primeiro espaço a ser completado, solicitava-se o apelido da Cinderela, que era Gata Borracheira. No segundo, a resposta encontrava-se no texto, mas demandava uma atenção ao contexto e à capacidade de fazer inferência. Dei a seguinte definição: “criado que acompanhava o seu amo em seus passeios ou viagens” e eles tinham que descobrir que a palavra era “lacaio”. Como havia a pista da quantidade de quadrados a ser preenchido (seis), isso os auxiliou na descoberta, bem como o contexto.

No terceiro espaço, perguntava-se quem auxiliou Cinderela a ir ao baile, a fada madrinha. Já no quarto, a questão era de inferência: qual era o evento que movimentou toda a história, o baile. No quinto, pedia-se para descobrir qual era o objeto que permitiu a identificação da jovem pelo filho do rei, o sapatinho.

No sexto enigma, solicitava-se uma característica da madrasta da Cinderela. A solução estava no próprio texto; bastava lerem com atenção que encontrariam a palavra “soberba”. Dando continuidade, a sétima cruzadinha indagava qual era o período que a jovem poderia permanecer no baile, meia-noite.

O oitavo espaço não tinha a resposta explícita no texto; era necessário o conhecimento do gênero e a compreensão da história. Havia a lacuna a ser preenchida seguida da palavra “feliz”. Esperava-se que o aluno completasse com o vocábulo “final”.

O nono tópico remetia ao entendimento de qual gênero esse texto se inseria, conto de fadas. Já o décimo, era a-

bordado o vocabulário: descrevia-se o termo “maltrapilha”, encontrado no texto, e os educandos tinham que associar. Em seguida, mais uma vez, buscava-se resgatar a característica do gênero conto de fadas. Solicitava-se qual expressão remete a um tempo distante e é comum nesse tipo de história – era uma vez.

O décimo segundo tópico era acerca de uma informação encontrada no texto: qual legume foi transformado em carruagem (a abóbora). No décimo terceiro enigma, surgiu a única divergência de respostas nessa atividade. A descrição era “indivíduo que tem títulos de nobreza” e almejava-se que os meninos respondessem com a palavra “fidalgo”, que se localizava no texto.

Entretanto, alguns aprendizes utilizaram o termo “realeza”, que também é aceitável e contém sete letras, coincidindo com a cruzadinha. Houve também quem completasse com a palavra “mordomo” e “plebeia”, os quais seriam inaceitáveis apesar de conterem sete letras, devido ao significado. Por fim, o décimo quarto tópico enunciava que “a história não mencionava o nome do (filho) do rei”.

Considero que a atividade foi prazerosa e instigou os alunos a (re) lerem o texto várias vezes, buscando informações gerais e específicas, bem como resgatou os conhecimentos sobre o gênero conto de fadas. Sendo assim, depreende-se que eles leram com objetivos (SOLÉ, 1998). A esse respeito, Solé (1998, p.41) constata que “[...] é crucial, porque determina tanto as estratégias responsáveis pela compreensão, quanto o controle que, de forma inconsciente, vai exercendo sobre ela, à medida que lê”.

Após todos os alunos me devolverem suas atividades, corriji oralmente a tarefa e muitos se empolgaram ao perceberem que acertaram praticamente tudo. Tendo em mente que os meninos já tinham maior familiaridade com o conto após a realização da tarefa e sucessivas leituras, fiz algumas perguntas oralmente: *Quem são os persona-*

*gens da história? Qual é o enredo? Como é o desfecho do conto? Como as mulheres aparecem? E os homens? Há algum personagem negro na história?*

Como meu intuito era retomar a questão dos estereótipos e introduzir a temática da ausência de personagens negros como protagonistas da história, mostrei algumas imagens com a finalidade de estimular a reflexão e eles chegarem a conclusão de que em muitos livros e filmes e/ou desenhos animados, predomina a visão da mulher branca, com cabelo liso ou ondulado e outros atributos valorizados pela sociedade. Nisso, entramos na discussão sobre o que é a beleza e porque um padrão é mais destacado em detrimento de outro.

Mostrei algumas ilustrações e solicitei que os alunos as descrevessem. Eles detalharam os cenários e as personagens que faziam parte. Decorre daí que os alunos fizeram um outro tipo de leitura, a leitura de mundo, dado que podemos conceituar a leitura como “um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de qual linguagem” (MARTINS, 2012, p.30).

Dentre as imagens apresentadas, somente uma exibiu uma Cinderela negra, em um musical produzido pela Disney em 1997, mas que, infelizmente, teve pouca notoriedade. Tendo em vista isso, cabe aqui uma alusão ao Rildo Cosson (2009, p.27), o qual defende que:

Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço. Ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro. (...) O bom leitor é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é

um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo.

Através das imagens, com a minha mediação, os aprendizes puderam relacioná-las com o conto lido e com suas realidades. Dizendo de outro modo, eles dialogaram com o texto, transmitindo suas vozes e agenciaram o sentido, conforme propõe Cosson (2009) no trecho acima.

No início da dissertação, ao abordar as concepções de linguagem e texto, mencionei Bakhtin e o dialogismo. Tal discussão se reflete na leitura literária; visto que o aluno precisa ter consciência de que por trás da voz do escritor ecoam inúmeras outras vozes e a sua (de leitor) também é relevante.

## CONCLUSÃO

Nessa oficina os educandos tiveram contato com múltiplas maneiras de se pensar a leitura. Cumpre ainda acrescentar, que acredito que a cidadania ativa, como diz Petit (2009, p.101), é uma construção diária, e a leitura propicia o desenvolvimento de diversas condições desse processo: apropriação da língua, acesso ao conhecimento e ampliação da esfera de referência, bem como a formação de si mesmo.

Devido à falta de tempo, terminei a oficina com a contribuição dos alunos sobre as questões raciais e de gênero e tive a convicção de que eles saíram da aula de um jeito distinto, em razão de ao fim da discussão chegarmos à conclusão de que embora sejamos singulares, devido ao nosso jeito de ser, valores etc., todos somos iguais, independente da cor ou das características físicas. Com efeito, julgo que esse assunto os afetou positivamente, porque muitos possuem baixa autoestima por não se inserirem nos padrões instituídos pela sociedade.

Por conseguinte, julgo que esse trabalho com a juventude de refletir sobre questões que vão além do conteúdo escolar é imprescindível para que nós, educadores, possamos contribuir com a formação de cidadãos e auxiliemos esses jovens a perceberem que eles podem e devem ter voz na sociedade.

A sala de aula é um local político, considerando que ali reproduzimos nossas concepções sobre a Educação e os educandos também trazem suas experiências. Logo, com o relato da oficina realizada e de minha prática contínua, almejo colaborar para que os aprendizes ultrapassem as barreiras que surgem em seus caminhos, ao serem instrumentalizados para desenvolverem todo o seu potencial e romper os preconceitos. Sendo assim, é preciso que nos dias atuais, principalmente, tenhamos uma prática pedagógica de resistência diante de inúmeras políticas que têm a intenção de destruir a Educação no Brasil. A mudança começa em nossa sala de aula.

## SOBRE A AUTORA

Gisele Arruda Eckhardt é graduada em Letras (Português/Inglês) pela UERJ - Faculdade de Formação de Professores (FFP). Pós-graduada em Ensino de Língua Inglesa pela Estácio. Possui Mestrado Profissional em Letras pela UERJ - FFP. Doutoranda em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora da rede municipal de Maricá e de São Gonçalo.

## REFERÊNCIAS

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2019.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004. p.149-185.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1999.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2009. 2ª edição.

\_\_\_\_\_. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2010. 2ª edição. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini.

SOLÉ, II. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Penso, 1998.

TATAR, M. (ed.). **Contos de fadas**. Edição, introdução e notas: Maria Tatar. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Vários ilustradores. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

VARGAS, S. **Leitura: uma aprendizagem de prazer**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000. 4.ed.